

## GUARDADOS SOB AS ASAS DE UM ANJO: as discussões sobre a construção do Anjo da Aurora

Kept under an angel's wings: discussions on the construction of the anjo  
da aurora

Luana Barros de Azevedo<sup>57</sup>

### RESUMO

O presente artigo explora a formação histórica e simbólica do lugar de devoção ao Anjo da Aurora, localizado no povoado Currais Novos, município de Jardim do Seridó, interior do Rio Grande do Norte. A partir de narrativas orais, o estudo investiga como a memória coletiva transforma um evento trágico — a morte de uma criança perdida na zona rural — em uma devoção religiosa que atravessa gerações, a milagreira Anjo da Aurora. O presente trabalho é parte do terceiro capítulo da tese que busca compreender como são formados os lugares de devoção. Para tanto, utilizamos o conceito de milagreiro, abordado por Lourival Andrade Júnior (2021), e o conceito de lugar, utilizado por Yi-Fu Tuan (2013).

**Palavras-chave:** Milagreiro, lugar de devoção, sertão, memória.

### ABSTRACT

This article explores the historical and symbolic formation of the place of devotion to the Anjo da Aurora, located in the village of Currais Novos, in the municipality of Jardim do Seridó, in the interior of Rio Grande do Norte. Based on oral narratives, the study investigates how collective memory transforms a tragic event — the death of a child lost in the countryside — into a religious devotion that spans generations, the milagreira Anjo da Aurora. This work is part of the third chapter of the thesis that seeks to understand how places of devotion are formed. To this end, we use the concept of miracle-worker, addressed by Lourival Andrade Júnior (2021), and the concept of place, used by Yi-Fu Tuan (2013).

**Keywords:** milagreiro, place of devotion, sertão, memory.

<sup>57</sup> Doutoranda em História; Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Grupo de pesquisa “Teoria da história, historiografia e história dos espaços”; Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1456176555770940>. E-mail: luanaabarrosss@gmail.com.

O presente artigo busca abordar o surgimento do Anjo da Aurora e como parte dos moradores do povoado Currais Novos ainda mantém viva a adoração ao anjo e o lugar de devoção. O povoado Currais Novos está localizado na zona rural do município de Jardim do Seridó, pequena<sup>58</sup> cidade que faz parte da região Seridó, sertão do Rio Grande do Norte. Compreendendo o Seridó como sertão, espaço distante do litoral. Erivaldo Neves descreve o conceito de sertão ao longo do tempo, partindo de interpretações que variam de acordo com a época em que a análise é inserida, dessa forma, “generalizou-se o conceito de ‘sertão’ para vasta área do interior brasileiro que expressa pluralidade geográfica, social, econômica, cultural, equiparando à ideia de ‘região’.<sup>59</sup> Me aproximo dessa discussão, na percepção de compreender o Seridó, sertão do Rio Grande do Norte, como resultado dos processos históricos surgidos, nesse percurso de formação social e religiosa.

Ao adentrar no povoado Currais Novos, percebi o elo que ainda prevalece entre os moradores. Como se trata de uma pequena comunidade, a maioria das pessoas se conhecem pelo nome e referência ao parentesco, como, por exemplo, “Mayara de Maria de Fátima” (filha e mãe, respectivamente). Todos sabem onde residem os mais velhos moradores do povoado. Um dos fatores que me chamou atenção foi perceber que a vida comunitária acontece em torno da adoração ao Anjo da Aurora, tradição religiosa e cultural, herdada por geração que atravessa os moradores, desde o século XX. As festividades religiosas, como novenas e procissões, são eventos importantes que mantêm viva a fé e a cultura local, servindo como momentos de reunião e fortalecimento dos laços comunitários.

<sup>58</sup> Jardim do Seridó está localizada a mais ou menos 247 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte, com um município que tem população atualmente estimada em 11.655 pessoas, com densidade demográfica de 31,7 habitantes por quilômetro quadrado, segundo dados do IBGE, de 2022 (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Gov.com.** 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rn/jardim-do-serido/panorama>. Acesso em: 21/08/2024).

<sup>59</sup> NEVES, Erivaldo Fagundes. Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural. *Politeia: Hist. e Soc.*, Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, p. 153-162, 2003. p. 157.

Ao entrevistar algumas pessoas, e ter contato com outras, percebi que história e a religiosidade estão profundamente entrelaçadas no cotidiano dos moradores do povoado Currais Novos, tendo como figura principal o Anjo da Aurora, cumpridora de milagres. A estrada que dá acesso ao lugar de devoção é de barro e com poucas árvores que façam sombra. A imagem está embaçada, porque estávamos no carro, em movimento. As pessoas que entrevistamos, sinalizaram sobre a distância que se encontrava a capelinha do Anjo da Aurora, sendo necessário o deslocamento, de preferência, com carro ou moto. Confessaram que iam com pouca frequência ao lugar, por esse mesmo motivo, se encontrar distante do centro do povoado e dos moradores. No entanto, as visitas acontecem, de toda forma, por sentirem necessidade do encontro físico com o Anjo da Aurora, que se dava por meio da visitação e as rezas, no lugar de devoção.

No dia dois de novembro, de dois mil e vinte e três, dia nacionalmente conhecido como Dia de Finados, nos deslocamos pelas estradas do povoado Currais Novos, afim de encontrar o lugar de devoção do Anjo da Aurora. Para tanto, solicitamos o auxílio da entrevistada Aldenízia Maria de Azevedo, que estava portando as chaves da capela e da chancela, esta última, a porteira que cerca o terreno particular, que foi construída a capelinha. Aldenízia se dispôs a nos levar, guiando pelas estradas e nos contando que aquele foi o percurso que a menina havia se perdido e caminhado por dias, até chegar no lugar que hoje é sua capela, morrendo por fraqueza, devido à ausência de água e alimentos.

As estradas que dão acesso ao lugar de devoção são íngremes, com aclives e declives, que dificultam o percurso. O baixo fluxo de pessoas torna, a estrada incomum para caminhadas. O deslocamento de visitantes à capela, em sua grande maioria, é feito de carro ou moto, por se encontrar distante do povoado. Abaixo, anexei a fotografia da capelinha, que fiz. Para captar a imagem, me afastei, aproximadamente, 30 metros de distância, com o intuito de fotografar a capela

completa, ressaltando os traços arquitetônicos, assim como a paisagem em que ela está inserida.

A capela do Anjo da Aurora é pequena, podendo caber duas ou três pessoas adultas, dentro. A capela é um ponto de devoção isolado, com características arquitetônicas rústicas e simplicidade artística, representando a fé local em um ambiente modesto, sem a necessidade de recursos sofisticados. O lugar de devoção foi construído em meio a uma paisagem de vegetação típica da caatinga, com terreno árido, solo seco e uma vegetação rasteira e esparsa, composta por arbustos e árvores de galhos finos e secos, comum em períodos de estiagem, no Seridó. O céu estava parcialmente nublado, realçava o contraste entre as nuvens brancas e cinzas e o solo marrom avermelhado da terra.

A paisagem me remeteu à memória o enredo da morte da criança, que estava perdida em meio o espaço vazio, sem ter a quem recorrer. A capela, em contraste com a paisagem árida ao seu redor, configura a devoção ao anjo e o espaço em que o seu corpo foi encontrado, sem vida, sinalizando a solidão da morte sofrida, em que a criança por falta de alimento e água, atrofiou até seus últimos suspiros. No centro da imagem, a capela foi fotografada por mim, de forma proposital, para tomar sua atenção, caro leitor. Podemos fazer observações quanto à referente imagem. Ela possui traços arquitetônicos simples e modestos, com uma estrutura retangular, finas colunas e linhas geométricas bem definidas. Sua pintura em tom amarelo claro, com linhas brancas, que marcam seu contorno, expressam sutileza e a pureza, que remetem à imagem do Anjo da Aurora.

Na continuação das colunas, e topo da fachada, é possível observar um elemento triangular, semelhante a um frontão<sup>60</sup>, que é coroado por uma pequena

<sup>60</sup> **Frontão** é um elemento arquitetônico típico da arquitetura clássica, presente em construções como templos, igrejas e edifícios importantes. Ele é a parte triangular que se encontra no topo da fachada de um prédio, geralmente acima de colunas ou pilastras, servindo como um detalhe decorativo (**Uso do frontão na arquitetura**. Humanidade: Artes Visuais. **Greelane**. Disponível em: <<https://www.greelane.com/pt/humanidades/artes-visuais/what-is-a-pediment-177520/>>. Acesso em: 11 set. 2024.

cruz, símbolo frequente na tradição e devoção cristã, que simboliza a morte. A fachada é minimalista, sem ornamentos detalhados, reforçando um estilo mais funcional, provavelmente característico de capelas rurais.

À esquerda da capelinha, há um pequeno anexo que funciona como suporte de velas, permitindo que os fiéis as acendam na parte externa da capela por motivos de segurança. Sendo um ambiente fechado, o interior da capela apresenta risco de incêndio caso as chamas das velas entrem em contato com os ex-votos. É comum observar a prática de acender velas e oferecer aos mortos, como parte de suas orações, devoções e homenagens. Essas velas muitas vezes representam pedidos de intercessão, agradecimentos ou lembranças de entes queridos. Com isso, a função do anexo é garantir a segurança, evitando que o calor ou as chamas das velas causem incêndios ou danos dentro do lugar de devoção. Além disso, ele ajuda a manter o ambiente interno livre de fumaça, oferecendo uma opção prática e segura para que os fiéis façam suas orações e devoções sem comprometer a integridade do local, e a saúde de quem está presente.

O lugar de devoção ao Anjo da Aurora é uma capelinha modesta, que foi construída e reformada pelos próprios moradores, ao longo do século XX, situada em um espaço de difícil acesso, distante a uns 5km do centro de residências do povoado Currais Novos. Marinalva Azevedo, moradora do povoado, professora aposentada, fez uma pesquisa local, no ano de 2005, com o intuito de resgatar a história da construção da capela, assim como os acontecimentos que se deram sobre o Anjo da Aurora, e seus milagres. A entrevistada é popular, no povoado, por ser uma das pessoas mais procuradas para falar sobre a história do Anjo da Aurora.

Inclusive, as pessoas que entrevistamos, ao se referirem à história do anjo, remetiam da lembrança, os casos narrados por Marinalva Azevedo. A esse respeito, Maria de Fátima Azevedo e Mayara Azevedo, mãe e filha,

respectivamente, contaram que Marinalva Azevedo foi quem relatou, pela primeira vez, sobre a história do Anjo da Aurora para elas. Segundo apontam, Marinalva Azevedo é pessoa de referência quando se trata dos assuntos existentes a respeito do lugar de devoção e a história do Anjo da Aurora. Segundo Maria de Fátima Azevedo, “Eu soube através da história dela que Marinalva, que foi quem escreveu a história, me contou. Eu cheguei aqui em (19)83. Aí Marinalva sempre falava da história do Anjo Aurora”.<sup>61</sup> Ao que parece, na vida de alguns moradores do Povoado Currais Novos, a iniciação da história sagrada do Anjo da Aurora se dá desde cedo. Para Aldenizia de Macedo, criada no povoado Currais Novos há muito tempo, não foi diferente, pois ela conta que soube da história desde criança, contada pelos pais.<sup>62</sup>

Já Marinalva Azevedo, conta que soube da história “Através das pessoas, da comunidade, dos relatos, de milagres. Inclusive, quando eu fui visitar, eu já tinha uns 20 e tantos anos, que eu nem sabia que existia o local. E foi através das pessoas, dos milagres que iam acontecendo”.<sup>63</sup> Através dos relatos, pude perceber a valorização que dada à história do Anjo da Aurora. Me parece que passar essas memórias/histórias endossa o poder que o milagreiro tem. Por esse motivo, o ritual de iniciação se dá o mais breve possível. Atravessar a “linha” invisível do espaço em que está inserido o povoado é o mesmo que entrar em contato com o Anjo Sagrado da Aurora. Essa percepção me remeteu ao que Mircea Eliade fala sobre a função dos mitos, uma vez que

Pelo simples fato da narração de um mito, o tempo profano é – pelo menos simbolicamente – abolido: narrador e auditório são projetados num tempo sagrado e mítico.

<sup>61</sup> AZEVEDO, Maria de Fátima. 61 anos. Entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2023, no Povoado Currais Novos, Município de Jardim do Seridó/RN.

<sup>62</sup> Aldenizia Maria Azevedo de Macedo, 40 anos. Entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2023, no Povoado Currais Novos, Município de Jardim do Seridó/RN.

<sup>63</sup> AZEVEDO, Marinalva Sabino de. 55 anos. Entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2023, no Povoado Currais Novos, Município de Jardim do Seridó/RN.

Ao ouvir um mito, esquecem de certa forma sua situação particular e são projetados em um outro mundo, em um Universo que não é mais seu pequeno e pobre Universo cotidiano.

Consequentemente, narrando ou ouvindo um mito, retomamos o contato com o sagrado e com a realidade e, dessa maneira ultrapassamos a condição profana, a ‘situação histórica’.<sup>64</sup>

Assim, percebemos, através dos relatos, essa dimensão transformadora do tempo, como sugere Eliade, pois, ao contar ou ouvir uma história mítica, tanto o narrador quanto o seu ouvinte transcendem a realidade cotidiana, tonando-se suspensos durante a narração e conectados com o tempo sagrado. Essa troca de histórias e conhecimentos permite que as pessoas acessem a dimensão sagrada, atribuindo poder e fortalecimento, através da narrativa. Por esse motivo, foi possível observar que as pessoas se encontram através dos relatos, oferecendo uma reconexão com as histórias do Anjo da Aurora, por meio das narrativas de suas experiências. Importante observar, também que, ao narrar a história o contador sai do lugar de ouvinte e passa a ser o centro da atenção, apresentador enredo.

Para Marinalva Azevedo, o acontecimento da morte do Anjo da Aurora foi em fins do século XIX, pois o marco temporal que ela se situa é o nascimento de sua tia avó Lia, que se deu em 1904. E, segundo a mesma, Antônio Galdinho (pai de sua tia avó, Lia) “chegou aqui (referindo-se ao povoado Currais Novos), em 1904, eles tinham casado e já tinha Tia Lia, já tinha acontecido (o ocorrido do Anjo da Aurora), em 1904”.<sup>65</sup>

Algumas entrevistadas contaram que o poder divinatório da capelinha fez desviar o percurso do rio que por ali passava. No entanto, Marinalva Azevedo, mesmo sendo devota fiel do Anjo da Aurora, nos relata que a construção da

<sup>64</sup> ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. Tradução: Rogério Fernandes. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 54-55.

<sup>65</sup> AZEVEDO, Marinalva Sabino de. 55 anos. Entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2023, no Povoado Currais Novos, Município de Jardim do Seridó/RN.

capela foi o que ocasionou o desvio do percurso, não um poder divinatório. Segundo Azevedo,

Em (19)42 foi construída a primeira capelinha. Foi Bicho Velho, porque o sítio já era de Bicho Velho, porque antes aquele sítio era de... De Bebeto de Otoim (?), daquele povo de Bebeto de Otoim. Maria Davi relatou que ela (Anjo da Aurora) foi enterrada lá, porque quando... quando ela foi encontrada, já estava em estado de... Decomposição. Aí não teve mais como tirar de lá. É, até ela relatou assim, que aonde foi enterrado (os restos mortais de Aurora) a água não passou por cima. Mas é porque fez a (capelinha)... Foi, porque no canto que ela tava, aí... Quando interraram, aí, houve o desvio.<sup>66</sup>

Como é possível observar, há duas narrativas presentes no que diz respeito à construção do lugar de devoção e o desvio do percurso do rio. Algumas pessoas atribuem o desvio a um fator divinatório, presente no lugar de enterramento do corpo da menina, uma vez que “O Anjo Aurora foi encontrado no leito do riacho e lá mesmo foi enterrado; o interessante é que ao dar as primeiras chuvas o riacho desviou suas águas, não passando por cima de onde estavam os restos mortais do Anjo”.<sup>67</sup> Marinalva Azevedo, embora seja devota fiel do Anjo da Aurora, e confie caráter sagrado ao lugar, de maneira mais pragmática atribui o desvio diretamente à construção física da capela, não aos poderes que advém do espaço sagrado.

A devota mostra o empenho de Bicho Velho, e parte da comunidade, como responsáveis pela construção do lugar de devoção, tendo em vista a história comovente e o espaço sagrado, a que se mantinha sobre os restos mortais da menina. A fixação de uma cruz no espaço lhe atribuía categoria sagrada, a princípio e, posteriormente, se deu a construção da capela, por interposição visível do poder tomadas as devidas proporções.

<sup>66</sup> AZEVEDO, Marinalva Sabino de. 55 anos. Entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2023, no Povoado Currais Novos, Município de Jardim do Seridó/RN.

<sup>67</sup> AZEVEDO, Edilene. **O Anjo Aurora.** In: CAVIGNAC, Julie; MACÊDO, Muirakytan K. de.. Tronco, ramos e raízes: história e patrimônio cultural do Seridó negro. Natal: EDUFRN, 2016. p. 326.

A presente passagem descreve como as diferentes interpretações coexistem com poder de afirmação, não exclusão, dos fenômenos sagrados da religiosidade. Para alguns, é necessário mostrar que a presença do sagrado é possível de mudar até a ordem natural das coisas, como por exemplo, o percurso de um rio. Enquanto outros se atribuem de explicações concretas, sem que isso reduza o poder do lugar. Essas interpretações são importantes e necessárias para que possamos considerar o modo como as comunidades religiosas se mantêm historicamente, por meio da sua lente espiritual.

A respeito das interpretações coexistentes no poder de afirmação sobre o Anjo da Aurora, um dos fatores que é mostrado com frequência nas narrativas é que o Anjo, enquanto menina de 6 (seis) anos, surpreende ao ter se perdido de seus responsáveis, em meio à mata, e ter percorrido, sozinha, por distâncias mata adentro. Relatos<sup>68</sup> apontam que Aurora era uma menina negra, moradora da Comunidade Boa Vista dos Negros, pertencente ao município de Parelhas-RN<sup>69</sup>, e, por esse motivo, descendente de pessoas escravizadas. A saber, a Comunidade Quilombola de Boa Vista iniciou através das primeiras presenças dos seus moradores, entre final o século XVIII e início do século XIX. Ao longo do século XIX, os moradores desfrutavam de autonomia e patrimônio. Em relatório antropológico, da comunidade quilombola de Boa Vista (RN), Julie Cavignac aponta que a versão oral (entrevistas) dos moradores de Boa Vista aborda poucas questões relacionadas à escravidão de seus ancestrais como forma de esquecimento do passado indesejado de maus-tratos, por esse motivo,

A ausência de referência ao passado escravo se explica ainda pela antiguidade da presença do grupo no local: é normal que hajam poucas lembranças relativas à época anterior a Abolição, pois os mais antigos

<sup>68</sup> Em nossa entrevista, essa afirmação esteve presente nas falas de Maria Azevedo, Mayara Azevedo e Aldenízia Macedo (Entrevista realizada no dia 2 de novembro de 2023, no Povoado Currais Novos, Município de Jardim do Seridó/RN), assim como no estudo abordado por Edilene Azevedo (2016, p. 325).

<sup>69</sup> O município de Parelhas está localizado a 19,7km de Jardim do Seridó-RN. Parelhas foi desmembrado de Jardim do Seridó em 1926.

sabem que há pelo menos quatro gerações de quilombolas que nasceram em Boa Vista e que não eram escravos. A memória genealógica do grupo não consegue ir além do final do século XVIII, início do século XIX.<sup>70</sup>

Os registros cartoriais (1889) atestam que a povoação do sítio Boa Vista aconteceu um século antes da compra das terras e havia presença do grupo de moradores em festas e práticas que remetiam à resistência e pessoas escravizadas, como a participação do grupo na festa do Rosário, em Jardim do Seridó-RN.<sup>71</sup> Retornando ao raciocínio anterior, a descrição era de Aurora como menina negra, descendente de povos escravizados e moradora da comunidade quilombola de Boa Vista do Negros, possivelmente um dos fatores e/ou motivo que justifica a ausência de registros cartoriais da menina. A distância que a menina percorreu de pés, corresponde a uma média entre 11 a 15km, fazendo uma análise de onde ela morava, comunidade Boa Vista, e onde ela morreu, nas proximidades do povoado Currais Novos.

Mesmo se encontrando distante e inóspito, surpreende o lugar de devoção do Anjo da Aurora receber tantas visitas, dos moradores da região e de cidades vizinhas. A manutenção dos ex-votos, presentes dentro da capelinha, são provas de que as visitas são constantes, pois datavam de tempos recentes à nossa visitação.

De forma unânime, todas que foram entrevistadas para a presente pesquisa, se sentiram na necessidade de mostrar que eram devotas, tinham o Anjo da Aurora como milagreira suprema no panteão dos santos católicos e,

<sup>70</sup> CAVIGNAC, Julie Antoinette (Coord.). Relatório antropológico da comunidade quilombola de Boa Vista (RN). Natal: UFRN; INCRA-RN, 2007. p. 38.

<sup>71</sup> Como vimos anteriormente, no presente capítulo, a escravidão está fortemente relacionada ao passado colonizador do Brasil, bem como do Seridó, que se deu na formação da sociedade, em torno das primeiras fazendas de criar gado. A respeito dos moradores da Boa Vista, documentos atestam que havia presença do grupo na festa do Rosário, em Jardim do Seridó-RN, remetendo diretamente ao passado escravizado. Por outro lado, apesar dos registros que constem a presença de escravos nas fazendas da região ao longo dos séculos, Cavignac encontrou apenas um registro de óbito de escravizado, na “fazenda Boa Vista”, datando de 1877 (CAVIGNAC, Julie Antoinette (Coord.). Relatório antropológico da comunidade quilombola de Boa Vista (RN). Natal: UFRN; INCRA-RN, 2007. p. 37).

acima de tudo, a reconheceram como patrona do povoado. Posso dizer que o ponto auge das entrevistas, que chamou atenção, foi todas as entrevistadas se sentiam no dever de prosperar e expandir os relatos memorialísticos da história do Anjo da Aurora, assim como seus feitos milagrosos.

Compreender essa dinâmica requer uma inserção empática no contexto, que permite captar como essas experiências são entrelaçadas na vida cotidiana das pessoas. Conforme Eliade ressalta:

O único meio de compreender um universo mental alheio é situar-se *dentro dele*, no seu próprio centro, para alcançar, a partir daí, todos os valores que esse universo comanda. (...) Tentemos compreender a situação existencial daquele para quem todas essas correspondências são experiências *vividas* e não simplesmente *ideias*. É evidente que sua vida possui uma dimensão a mais: não é apenas humana, é ao mesmo tempo ‘cósmica’, visto que tem uma estrutura trans-humana.<sup>72</sup>

Mircea Eliade sublinha a importância de uma imersão empática para a compreensão de um universo mental diferente do habitual “mundo moderno”<sup>73</sup>. Eliade nos desafia a abandonar uma perspectiva externa e a adotar o ponto de vista interno daqueles que vivem em um contexto diferente ao nosso, com o objetivo de captar os valores e significados intrínsecos a esse universo. Este exercício não é meramente intelectual, mas uma experiência vivida que transcende a análise racional.

Foi possível perceber uma expressão profunda de gratidão, presente entre os devotos do Anjo da Aurora, resultando em um compromisso sagrado de transmitir a história e os feitos milagrosos deste anjo. Com devoção e responsabilidade, esses fiéis se tornam guardiões da memória, dedicando-se a compartilhar com todos que visitam o povoado Currais Novos as bênçãos e os milagres que moldaram a fé local.

<sup>72</sup> ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**: A essência das religiões. Tradução: Rogério Fernandes. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. p. 135-136.

<sup>73</sup> O autor pontua o mundo moderno como fadado à descrença. Por esse motivo, há a tendência em confundir o comportamento do *homo religiosus* com o cristianismo (ELIADE, 2010, 133).

Ao centro da imagem, há um altar com várias representações de santos, da tradição católica. Entre as figuras presentes, destacam-se as de Nossa Senhora, e outras devoções marianas. As estátuas estão dispostas em degraus, criando uma espécie de altar escalonado, bem comum em igrejas e santuários. Também é possível observar a presença de flores, terços e fitinhas coloridas com nomes de santos, geralmente presente em pedidos e realização de promessas. Ao fundo das imagens santas, e em disposição acima deles, existe a representação de Jesus crucificado, reforçando o caráter sagrado e cristão do local.

Ao analisar a simbologia do espaço sagrado, percebemos que essa configuração não mede hierarquia de poder, no interior da capela, como acontecia com as antigas igrejas e cemitérios. Fizemos essa observação pensando no lugar de devoção ao Anjo Aurora como, também, seu lugar de sepultamento. A capelinha foi construída em período posterior ao sepultamento da menina, logo não foi feita como intenção de túmulo, mas, sim, capela para adoração. No entanto, observamos que algumas pessoas enxergam a capelinha como algo próximo ao túmulo, presente nos cemitérios, uma vez que o corpo da menina se encontra enterrado naquele lugar. Dessa forma, abrimos espaço para analisar esse lugar e sua cartografia interna. A intenção primeira é pensar na disposição dos objetos no lugar e sua posição de valor.

Dessa forma, finalizo esse trabalho com a percepção do valor do lugar na vida das pessoas. A íntima relação entre lugar e experiência reforçam o que Tuan aponta como os princípios fundamentais da organização espacial, sobretudo visando que “o homem, como resultado de sua experiência íntima com seu corpo e com outras pessoas, organiza o espaço a fim de conformá-lo a suas necessidades biológicas e relações sociais”.<sup>74</sup>

<sup>74</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução: Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013. p. 49.

## REFERÊNCIAS:

- ANDRADE JÚNIOR, Lourival. **Milagreira Cigana Sebinca Christo: Sublimação no catolicismo não-oficial brasileiro**. Curitiba: Editora CRV, 2021. 250 p.
- ALBERTI, Verena. Manual da história oral. 2<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ARIÈS, Philippe. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.
- AZEVEDO, Edilene. **O Anjo Aurora**. In: CAVIGNAC, Julie; MACÊDO, Muirakytan K. de.. Tronco, ramos e raízes: história e patrimônio cultural do Seridó negro. Natal: EDUFRN, 2016.
- AZEVEDO, José Nilton de. **Um passo a mais na história de Jardim do Seridó**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1988.
- AZEVEDO, Luana Barros de. **Tudo tem alma em seus muros sagrados: modernidade e as transformações no espaço fúnebre em Jardim do Seridó, RN (1850-1904)**. Dissertação (Mestrado em História). – Natal (RN): Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2020.
- BOSI, Eclea. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CAVIGNAC, Julie Antoinette (Coord.). Relatório antropológico da comunidade quilombola de Boa Vista (RN). Natal: UFRN; INCRA-RN, 2007.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: Ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. Tradução: Rogério Fernandes. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. **A penúltima versão do Seridó: Uma história no regionalismo seridoense**. Natal: EDUFRN, 2012.
- MATTOS, Maria Emilia. Promessa, milagre e ex-voto. In: PESSÔA, José; MATTOS, Maria Emilia. **Os ex-votos de Angra dos Reis**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.
- NEVES, Erivaldo Fagundes. **Sertão como recorte espacial e como imaginário cultural**. Politeia: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v. 3, n. 1, 2003.